

módulo 09

FORMAÇÃO DE FAMILIARES E FORMAÇÃO DIALÓGICA DO PROFESSORADO

*Formação em Comunidades
de Aprendizagem*





CREA. Community of Research on Excellence for All, 2020

Esta obra está sob licença da Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações 4.0 Internacional.

©2020 por CREA, Community of Research on Excellence for All.

Este documento foi produzido com o apoio financeiro da União Europeia. As opiniões aqui expressas não podem de forma alguma ser consideradas como reflexo da opinião oficial da União Europeia.



módulo 09
**FORMAÇÃO DE FAMILIARES
E FORMAÇÃO DIALÓGICA
DO PROFESSORADO 5**

9.1 Formação de familiares 6

9.2 Formação dialógica
do professorado 13

9.3 Bibliografia 20



FORMAÇÃO DE FAMILIARES E FORMAÇÃO DIALÓGICA DO PROFESSORADO

Numa sociedade da informação, a educação das crianças avança significativamente se todos os agentes educativos também melhorarem a sua própria formação.

Esta unidade apresenta duas Ações Educativas de Sucesso: Formação de Familiares e Formação Dialógica do Professorado. Apesar da enorme importância das famílias na educação das crianças, a formação dos agentes educativos foi, tradicional e exclusivamente, oferecida ao pessoal docente, de modo que os professores e professoras foram os únicos beneficiários. A maioria das pesquisas concentrou-se na análise da formação dos docentes, sem prestar atenção à formação das famílias e outros membros da comunidade. A Formação de Familiares melhora as competências e a consciência dos adultos que convivem com os alunos e alunas no dia a dia, tendo, portanto, um impacto relevante na aprendizagem dos seus filhos e filhas. Por outro lado, através da formação dialógica, os docentes atualizam e debatem os seus conhecimentos com base nas teorias e pesquisas educativas mais relevantes, incluindo os membros da comunidade nos espaços de formação.

9.1 Formação de familiares

Com frequência ouve-se que o sucesso escolar depende do nível académico dos pais e das mães: as crianças cujas famílias têm formação universitária revelam maior probabilidade de irem para a universidade e de obterem graus académicos elevados. No entanto, tais relações estatísticas entre os antecedentes académicos das famílias e os resultados académicos das crianças não estabelecem qualquer tipo de causalidade nem são decisivos.

Se, como as perspetivas reprodutivas procuraram mostrar, as escolas pouco podem fazer para combater as desigualdades de partida, devemos esperar que as gerações ganhem gradualmente formação para que aqueles que nascem em ambientes desfavorecidos possam ir para a universidade. Sabe-se agora que a relação entre os graus académicos dos pais e das mães e o sucesso educativo dos seus filhos e filhas pode ser alterada e que todos os pais e mães, independentemente do nível académico que possam ter, podem aspirar a que os seus filhos e filhas frequentem as melhores universidades do mundo. As pesquisas mostraram que, o que surte efeito na aprendizagem dos seus filhos e filhas, mais do que o nível de educação das famílias é o tipo de atividades e formação em que estas participam. Por esta razão, uma Ação Educativa de Sucesso consiste precisamente na formação de membros da família, reunindo e facilitando a formação das famílias nos conteúdos e competências que eles escolhem, priorizando a formação instrumental.

Mas, de novo, é necessário esclarecer o tipo da Formação de Familiares e distingui-lo de algumas práticas. De facto, nos últimos anos tem sido frequente a realização de “escolas de pais e mães”, que geralmente consistem em conversas de “especialistas” sobre questões relativas à educação das crianças (alimentação, disciplina, etc.). Embora se estabeleça um espaço de intercâmbio e debate, a premissa subjacente a tais sessões é a do “especialista”, que sugere às famílias as melhores formas de educar as crianças ou jovens. Estes tipos de atividades não são as consideradas na Formação de Familiares nas Comunidades de Aprendizagem. Tampouco, os programas de formação concebidos pelos docentes, com base nas suas próprias opiniões, sem considerar as exigências e necessidades das pessoas participantes.

A Ação Educativa de Sucesso, Formação de Familiares, pressupõe que são eles (mães, pais, tias, tios, avós, etc.) que decidem o que precisam de aprender, quando e como se organizam. As famílias juntam-se, auscultam as suas necessidades, estudam as possibilidades de iniciar a formação, fazem o cronograma dos dias em que acontecerá, etc. São as próprias famílias que dialogam e decidem a formação que querem fazer e as condições em que serão realizadas. Por exemplo, numa Comunidade de Aprendizagem, as mães árabes estavam interessadas em aulas de alfabetização e, após o debate, decidiram que as aulas seriam para mulheres, mas se fosse o caso deveria ser organizado outro grupo para homens, também.

É possível superar desigualdades sociais promovendo a educação das famílias e demonstrando que o ambiente familiar também pode ser transformado.
(INCLUD-ED, 2011:73).

Tipos de atividades

As atividades de formação podem ser muito variadas. No entanto, é aconselhável - e as famílias preferem - que visem melhorar competências e conhecimentos úteis e necessários na sociedade de hoje, o que lhes dará a possibilidade de ajudar os seus filhos e filhas com os trabalhos de casa, a ler em conjunto, a aconselhá-los sobre temas académicos, etc. De facto, uma das motivações mais comuns para o envolvimento neste tipo de formação reside no desejo de poder ajudar os filhos e filhas nas atividades ou, em geral, no seu processo de aprendizagem.



- **Tertúlias Literárias Dialógicas (Módulo 7):**

Os membros da comunidade, de origens muito diversificadas (cultura, nacionalidade, religião, crenças, estilo de vida, idade, educação, etc.), partilham o diálogo, criam reflexões críticas e conhecimento sobre as melhores obras da literatura universal. Assim, pessoas que nunca tinham lido estes livros, demonstram uma grande sensação de satisfação e entusiasmo por obras como as de James Joyce, Cortázar ou Safo e títulos como *As mil e uma noites*, *A Ramayana* e *A Odisseia*.

- **Tecnologias da Informação e da Comunicação:**
Esta área é frequentemente procurada pelas famílias. Normalmente, organizam cursos sobre programas específicos de computador, como Word e Excel, ou o uso de redes sociais como o Twitter. Também se aprende o uso de plataformas e ferramentas de videoconferência. Em certos casos, familiares e estudantes podem trabalhar juntos, para que se possam apoiar, no uso desses programas e ferramentas.
- **Línguas:**
Nas escolas em que há imigrantes, as famílias podem optar por aprender a língua do país onde vivem. Além de adquirirem uma ferramenta-chave para participarem na aprendizagem dos seus filhos e filhas, essas competências proporcionam maiores oportunidades sociais e económicas. Noutros casos, as famílias escolhem formação em línguas estrangeiras, como inglês ou francês.
- **Alfabetização:**
Em escolas com famílias que não leem nem escrevem, a formação em alfabetização é sem dúvida uma prioridade. Existe uma variedade de opções de atividades abertas às Campanhas de Alfabetização. Por exemplo, numa escola onde havia uma maioria de mulheres marroquinas, criou-se um grupo de mulheres que participam e têm um espaço para aprender, partilhar e discutir as questões que lhes interessam, melhorando a sua alfabetização.
- **Matemáticas:**
Algumas famílias têm dificuldade em ajudar os filhos, em matemática. Com esta finalidade, a formação em matemática é prioritária.

O projeto de I+D EDUFAM¹ financiado pelo Plano Nacional de Investigação do Governo espanhol identificou algumas das características que contribuíram para o sucesso da formação de familiares oferecida pelas escolas que são Comunidades de Aprendizagem:

1) Participação das famílias na tomada de decisões sobre aspetos relevantes da formação (conteúdo, horário, organização, etc.).

2) Elevadas expectativas dos participantes na formação e das suas competências.

3) Promoção da aprendizagem instrumental (leitura, escrita, matemática, expressão oral, etc.)

4) Acreditação dos conhecimentos adquiridos através de qualificações oficiais.

5) Formação baseada em evidência científica.

6) Implementação de estratégias para superar barreiras linguísticas e/ou culturais.

1. Sítio Web do projeto Edufam: <https://pedagogia.fcep.urv.cat/edufam/> [Recuperado 26-07-2020]

- 7) Representação de grupos vulneráveis entre os participantes na formação e promoção da diversidade nos programas de formação.
- 8) Promoção de oportunidades para a conciliação familiar.
- 9) O sucesso escolar dos filhos e filhas dos participantes como objetivo explícito da formação
- 10) Promoção da liderança dialógica.
- 11) Promoção da solidariedade.
- 12) Promoção de ambientes de aprendizagem positivos.
- 13) Dar apoio aos centros educativos e criar alianças com outros serviços e agentes para realizar a formação familiar.
- 14) Envolvimento da equipa de gestão e do pessoal docente na promoção da formação dos membros da família na escola.
- 15) Participação das famílias na tomada de decisões.

Uma experiência de aulas de alfabetização

A escola de Lucia, já há algum tempo, organizou aulas de alfabetização para mulheres com uma participação tão grande, que o grupo teve que se dividir em dois. Muitas dessas mulheres não só aprenderam a ler e escrever como começaram, imediatamente, a participar nas Tertúlias Literárias Dialógicas (Racionero, Ortega, García, & Flecha, 2012:141).

Benefícios da formação de familiares

A Formação de Familiares beneficia os adultos que participam diretamente, bem como os seus filhos e filhas e a comunidade, combatendo as desigualdades educativas e sociais.

Para os adultos que participam, a formação proporciona conhecimentos e competências que podem ser aplicados em todas as esferas da vida: pessoal, familiar e social. Aprender a ler, melhorar as competências linguísticas e aprender a usar a internet, por exemplo, são realizações pessoais gratificantes, que são facilmente transpostas para a vida diária. Esse progresso também contribui para uma maior autoestima e autoconfiança, aumentando assim a capacidade de participar em discussões e debates. Uma maior formação académica abre novas oportunidades no mercado de trabalho. Por exemplo, as famílias de uma determinada escola decidiram fazer formação para obterem o Certificado de Conclusão do Ensino Secundário, no sentido da qualificação os ajudar a acederem a melhores postos de trabalho.

Por sua vez, os adultos transmitem aos filhos e filhas a sua satisfação e interesse, pelo que estão a aprender e pela educação em geral, e têm mais possibilidades de os ajudar no trabalho escolar, de questionar sobre as atividades ou partilhar atividades e momentos de trabalho em casa. Desta forma, as crianças mudam a visão que tinham dos seus familiares, passando a olhá-los como pessoas a quem podem colocar as suas dúvidas, com as quais podem partilhar a sua aprendizagem. Tudo isto serve para tornar o processo de aprendizagem mais significativo.

A Formação de Familiares também contribui para modificar os relacionamentos entre a escola e a comunidade. Os relacionamentos entre a escola e as famílias são reforçados, criando maior significado para os alunos quanto à motivação para progredir e o seu esforço em frequentar a escola, todos os dias. Este relacionamento mais próximo também tem influência nas expectativas dos familiares em relação ao futuro dos seus filhos e filhas. A participação em atividades de formação resulta em mais confiança, vínculos mais fortes entre as famílias, os docentes e a escola, aumentando também a compreensão mútua e a tolerância. Além disso, as expectativas das famílias e das crianças crescem, motivando-as a continuarem os seus estudos.

Segue-se um resumo do impacto positivo da formação de familiares em quatro áreas específicas: benefícios para os membros da família, estudantes, a escola e o bairro. Estas provas de melhoria foram recolhidas pelo projeto de investigação EDUFAM:

BENEFÍCIOS PARA FAMILIARES	BENEFÍCIOS PARA OS ESTUDANTES
<ul style="list-style-type: none"> a. Aumento do nível cultural. b. Aumento das expectativas. c. Aumento da motivação para a aprendizagem. d. Aumento da segurança, auto-estima e percepção do bem-estar. e. Aumento da participação. f. Emergência de lideranças. g. Criação e reforço das redes sociais. h. Obtenção de novas referências no âmbito da educação. 	<ul style="list-style-type: none"> a. Melhoria dos resultados educativos. b. Melhoria do comportamento. c. Aumento da motivação para a aprendizagem. d. Maior participação nas tarefas e iniciativas educativas. e. Aumento das expectativas. f. Identificação de modelos a seguir. g. Aumento das interações em torno da aprendizagem.
BENEFÍCIOS PARA O CENTRO	BENEFÍCIOS NO BAIRRO
<ul style="list-style-type: none"> a. Melhoria da comunicação entre a família e a escola. b. Aumento da participação no centro. c. Melhoria do clima escolar. d. Redução dos preconceitos em relação às famílias pertencentes a minorias culturais 	<ul style="list-style-type: none"> a. Reforça a relação entre a escola e as pessoas da comunidade b. Aumento das interações ligadas à aprendizagem e educação fora do centro. c. Redução dos preconceitos racistas e classistas na vizinhança. d. Melhoria da coexistência. e. Coordenação com serviços e profissionais de diversas áreas sociais.

Um exemplo da influência da Formação de Familiares sobre o desempenho acadêmico

“Quando Karim começou o 3.º ano do ensino básico, ele não conseguia ler nem escrever. Tinha chegado a Terrassa no ano anterior. Ele fez novos amigos na escola nova e aprendeu a falar rapidamente, mas tinha pouco interesse em estudar e foi difícil. Uma manhã, pouco antes de começar a aula, o professor encontrou-o a ler um livro de ciências. Após um ano e meio desde a chegada ao bairro, a sua mãe, Farida, inscreveu-se nas aulas de alfabetização. Ela tomou a iniciativa para frequentar a escola do filho, para aprender. Essa mudança causou uma transformação ainda mais profunda: ajudou Karim a ter vontade de aprender. Agora está encantado por ver a mãe na sua escola e sempre que Farida vai à aula, ele diz-lhe: “Vamos, mãe, leva a tua pasta e vamos para a escola”. À tarde, quando Karim vai para casa, fazem os trabalhos de casa e leem juntos os contos, que Karim requisita na biblioteca. Ele está ciente de que ela gosta e que assim aprendem mais. (Ortega 2011: 8)

Ortega, S. (2011). Lendo juntos. *Suplemento Escuela*, 2, 7-8.
<https://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/102/c2ece2ac5d8e09bdd552d1a8145158b3.pdf> [Recuperado 26-07-2020]

O seguinte excerto de Arantza Pomares Zulueta, coordenadora da Comunidade de Aprendizagem CPOM Sansomendi, faz um resumo conciso.

Uma experiência de Formação de Familiares no CPI Sansomendi

[...] À medida que os anos passam, a formação é cada vez mais extensa, abrangendo todas as necessidades educativas das famílias, os seus interesses e solicitações. As famílias sentem que podem participar nas atividades de formação propostas pela escola. As famílias recebem cursos de informática, obtêm o Certificado do Ensino Secundário, estudam alfabetização, espanhol para estrangeiros, cerâmica e participam de Tertúlias Literárias Dialógicas, durante o horário escolar e gratuitamente. A participação ativa nesses cursos cria, nas famílias, o sentimento de que a escola é de todos, transforma positivamente a relação comunidade/escola e o envolvimento que tem nos processos educativos e na aprendizagem das crianças. (Pomares 2011: 6)

Pomares, A. (2011). Famílias no CPI Sansomendi. Das dificuldades ás possibilidades. *Suplemento Escuela*, 3, 5-7.
<https://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials>

Para aprofundar

Suplemento 'Periódico Escuela' Comunidades de Aprendizagem. Participação e formação dos familiares:

<https://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/133/5b301a7cb9b5ee387903941a438b4fc1.pdf> [Recuperado 26-07-2020]

Garcia Yeste, C., Morlà, T., & Ionescu, V. (2018). Dreams of Higher Education in the Mediterrani School Through Family Education. *Frontiers in Education*, 3(79). <https://doi.org/10.3389/feduc.2018.00079>

Garcia, C., Gairal, R., Gómez, A. (2018). Aprendo para que tú aprendas más: contribuyendo a la mejora del sistema educativo a través de la formación de familiares en Comunidades de Aprendizaje. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 93(32,3), 47-60.

Girbés-Peco, S., Gairal-Casadó, R., & Torrego-Egido, L. (2019). Participación de mujeres gitanas y marroquíes en la formación de familiares: beneficios educativos y psicosociales. *Cultura y Educación*, 31(4), 754-779. <https://doi.org/10.1080/11356405.2019.1656487>

Renta Davids, A. I., Aubert, A., & Tierno García, J. M. (2019). Influencia de la formación de familiares en la motivación del alumnado en riesgo de exclusión social. *Revista mexicana de investigación educativa*, 24(81), 481-505. Recuperado en 09 de julio de 2020, de http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-66662019000200481&lng=es&tlng=es.

Serrano, M. Á., Díez-Palomar, J., & Guasch-García, M. (2019). Análisis de las características de la formación de familiares con colectivos vulnerables. *Estudios Pedagógicos*, 44(3). <http://revistas.uach.cl/index.php/estped/article/view/4218> [Recuperado 26-07-2020]

9.2 Formação dialógica do professorado

Os professores e professoras de todos os níveis de ensino implementam Ações Educativas de Sucesso, em Comunidades de Aprendizagem, que proporcionam as melhores oportunidades a cada criança, adolescente ou adulto, na sua sala de aula. Também desenvolvem com rigor ético, o seu próprio profissionalismo, através da participação em formação contínua de qualidade. Essa formação é feita através do diálogo, de acordo com as melhores práticas de formação do corpo docente, a nível internacional.

Formação dialógica: O que é imprescindível?

As Comunidades de Aprendizagem são baseadas em propostas resultantes de estudos aprofundados, realizados pela comunidade científica internacional. Como mencionado no Módulo 1, a comunidade científica internacional está presente nas principais revistas científicas, programas internacionais de pesquisa (como o Programa Marco na Europa) e envolve as melhores universidades do mundo. A comunidade científica internacional não é formada por pessoas da imprensa popular, da TV, do Google, nem são pessoas que fazem comentários pessoais ou humorísticos. Embora seja verdade que a imprensa desempenha funções muito importantes nas sociedades democráticas, não é, nem deveria ser, um modelo científico de conhecimento. Não se pode presumir que o sistema educativo de um determinado país seja como é mostrado, por exemplo, num documentário da televisão. Da mesma forma, a formação dos docentes não pode ser baseada em revistas de imprensa, embora, lamentavelmente, em algumas universidades e escolas, essa prática ainda ocorra. Se os médicos fossem especializados no tratamento do cancro com base em notícias, seria inaceitável. As famílias são livres de fazerem escolhas pessoais sobre a melhor forma de educar os seus filhos e filhas, mas ninguém deve considerar as suas opiniões pessoais como conhecimento cientificamente válido, na educação dos filhos e filhas dos outros.

Os docentes têm o dever de incluir na sua formação esta atualização do conhecimento científico, da mesma forma que esperamos que o médico, que cuida de nós, não parou de se atualizar desde que se formou na universidade. Quando a formação de professores se limita a atividades aleatórias e não científicas, o seu papel é subutilizado e as consequências desta falta de rigor impactam na vida das crianças e jovens para os quais trabalhamos.

A manutenção de uma base científica também permite que o pessoal docente descreva as suas práticas de forma mais eficaz, no diálogo com as famílias, com os inspetores, com a administração local, com as universidades com os estudantes, etc. Sem base em provas científicas, o diálogo continua a ser o caso de uma opinião contra a outra. Quando acompanhadas de evidência, as famílias são capazes de compreender e avaliar por si mesmas as práticas de ensino e, frequentemente apreciam a oportunidade de expandir os seus conhecimentos sobre educação, pois querem a melhor educação para os seus filhos e filhas.

Também é uma oportunidade para os que falam sobre educação se questionarem sobre as teorias e fundamentos em que baseiam as suas propostas, e de que modo isso é validado pela comunidade científica internacional. Nas sessões de formação sobre Comunidades de Aprendizagem, de facto, cada vez mais pessoas (docentes e famílias) procuram informações sobre as ações que estão a ser planeadas, em bases de dados na internet ou diretamente em revistas científicas.

É certo que os professores devem estar atentos às melhores teorias educativas. Como tal, também é verdade que devemos esclarecer o que é uma teoria e o que não é. Infelizmente, a teoria é frequentemente associada a mensagens vazias para a prática. Isto é falso. A teoria fornece conhecimento. Os melhores autores em educação são aqueles que estão regularmente na sala de aula e nela possam refletir melhor, rever, pesquisar e progredir. Investigadores internacionais como Gordon Wells, Courtney Cazden da Universidade de Harvard ou a professora Linda Hargreaves, da Universidade de Cambridge, por exemplo, aproveitaram as suas visitas a Espanha, para participarem em Comunidades de Aprendizagem, para relacionarem os Grupos Interativos ou as Tertúlias Literárias Dialógicas com as suas próprias realidades, pesquisas e contribuições teóricas.

Se os professores desejam melhorar a teoria subjacente às suas práticas de ensino, devem ler e atualizar-se. Uma vez que a vida atual, muitas vezes, torna isso difícil, convém escolher textos, que os beneficiem. Vale sempre a pena ler autores proeminentes, como Vygotsky e Freire, ou o trabalho de pesquisadores modernos, como Bruner e Habermas. Assim, os profissionais de ensino colocam-se, como costumava dizer Robert Merton, “sobre os ombros dos gigantes”. Também se pode selecionar textos de outras áreas. Por exemplo, se houver interesse por questões de género, escritoras feministas como Judith Butler ou Lidia Puigvert são opções de leitura.

Outro aspeto essencial, na formação de professores em Comunidades de Aprendizagem, é garantir que as Ações Educativas de Sucesso sejam implementadas em todas as escolas, de acordo com as bases científicas com que foram criadas, para que se perceba como alcançar os melhores resultados. Na Espanha o sítio oficial das Comunidades de Aprendizagem (<https://comunidadesdeaprendizaje.net>) descreve, detalhadamente, as Comunidades de Aprendizagem que estão a realizar Ações Educativas de Sucesso, bem como os nomes das pessoas que se formaram, segundo os princípios e bases científicas do projeto. O mesmo ocorre em outros países. A implementação das AES deve ser analisada a partir das teorias e pesquisas em que se baseiam. Por exemplo, os docentes que implementam grupos interativos conhecem e aplicam os princípios da aprendizagem dialógica.

As informações disponíveis na Internet podem ser facilmente consultadas, atualizadas e convertidas em temas de conversa nas escolas. Se sabemos que a aprendizagem depende das interações, a aprendizagem dos docentes também. Portanto, uma formação contínua é assegurada através da dinâmica de comentários, reflexões, perguntas e partilha de informações, como nos exemplos seguintes:

- Dois professores foram para uma cidade próxima, com duas mães, para falarem sobre as suas escolas com outra Comunidade de Aprendizagem, e estabelecerem um diálogo gratificante. No dia seguinte, partilharam os comentários feitos pelas duas mães e as pessoas da outra escola, sem esquecer as questões colocadas pelos ouvintes. Tudo isto é formação contínua, em forma de conversa, que alimenta a emoção do projeto e promove novas transformações.
- Vários docentes liam o livro *Educação e Democracia* de John Dewey, para uma Tertúlia Pedagógica Dialógica. Quando se encontraram, à hora de almoço, na véspera da Tertúlia, surgiu nas notícias um debate público, sobre as políticas educativas da atualidade e, claro, compararam essas notícias com o livro que estavam a ler e falaram sobre isso. No dia seguinte, a tertúlia foi muito mais intensa e rica em argumentos.
- Twitter, Facebook e outras plataformas estão continuamente a atualizar, fornecendo informações e resultados, em tempo real, das várias Comunidades de Aprendizagem. Há pessoas que não só partilham opiniões e materiais com centenas de seguidores, mas também animam conversas de corredor, desde as boas vindas à conversa da hora de almoço.

Essas conversas encorajam os docentes a refletir sobre a sua prática de Ações Educativas de Sucesso. De facto, os professores e professoras preocupam-se, refletem e conversam sobre as suas práticas, umas vezes como desabafo, outras vezes procurando soluções. Mas se essa reflexão é feita sem ter como modelo-chave as ações que melhoram os resultados e a convivência, isso traduz-se em ideias aleatórias e gera fracasso. Só a partir da referência da evidência e das ações educativas de sucesso, a reflexão sobre a prática serve para melhorar o que estamos a fazer e para melhorar, portanto, os resultados.

Também é essencial que a formação dos docentes inclua saber praticar o diálogo igualitário com as famílias, com outros colegas e com os alunos. Tradicionalmente, o pessoal docente, como acontece com outros grupos profissionais, estabelece a comunicação com as famílias, partindo de uma posição não igualitária, com o estatuto de “especialista” (ainda mais com famílias não-académicas). No entanto, manter o rigor profissional, para melhorar a educação, requer um diálogo mais igualitário que não se baseie no poder, mas em abordagens com ações comunicativas dialógicas (Soler & Flecha, 2010). O processo de diálogo igualitário em comissões mistas, assembleias e salas de aula onde pessoas de diferentes contextos e formas de pensar trabalham em conjunto, requer um desenvolvimento diário de competências.

Um exemplo de formação conjunta para docentes e familiares

Todas as formações estavam abertas ao voluntariado e outras pessoas que trabalham no centro, como o porteiro ou a cozinheira. É claro que a única maneira de conseguir a transformação desejada era envolver qualquer pessoa, que tivesse algum tipo de relacionamento com os alunos, alunas e suas famílias. Os debates seriam muito mais ricos se a formação fosse aberta a pessoas de diferentes perfis. Além disso, a pesquisa científica provou que a formação de adultos que se relaciona com crianças, de forma não profissional, como é o caso de familiares e amigos, é muito mais produtiva do ponto de vista da melhoria da aprendizagem e do desempenho escolar, do que a formação de professores. Todas as pessoas devem ser incluídas na formação (Racionero et al., 2012:143,144).

O diálogo igualitário também está relacionado com outro aspeto-chave, o de nunca desacreditar os valores da comunidade ou marginalizar os grupos vulneráveis. Os valores dos docentes não são melhores ou piores do que os do resto da comunidade. Frequentemente, de forma inconsciente, o docente está convencido de que tem a melhor maneira de ver certas coisas e tenta impor valores arbitrários, usando o seu estatuto. Esse tipo de comportamento é bastante comum também em relação a aspetos de género, por exemplo. Alguns docentes acreditam que têm valores mais feministas ou mais liberais do que as mães e as famílias com quem trabalham e que, portanto, devem promover uma cultura de “libertação”.

Um grupo de alfabetização apenas para mulheres...?

Um grupo de mães do Magrebe, numa escola, deseja criar um grupo de alfabetização. Claro que seria apenas para mulheres. Elas não querem homens no mesmo espaço. Entre o corpo docente, alguns estão contra isso, pois consideram que isso significa permitir uma prática baseada na desigualdade entre homens e mulheres. Para os docentes que não concordam, deve ser uma condição estabelecer um grupo misto de alfabetização porque isso também serviria para “superar” valores desatualizados, com base em tradições machistas.

Outros docentes mostram que professoras que estão a querer impor essa atividade mista reivindicam saídas com amigas à noite, vão para festas de solteira ou não têm parceiros muito igualitários. Fazer uma Formação de Familiares, segundo o que elas decidem é o que irá promover o sucesso e, em qualquer caso, não exclui a possibilidade de realizar outras atividades, mistas ou não mistas. Ao fim de algum tempo, algumas mães do Magrebe que começaram na alfabetização, entraram no voluntariado dos Grupos Interativos, participaram nas comissões mistas e uma foi eleita para o Conselho Geral. Não são mulheres submissas ou passivas, defendem o seu direito à educação e à educação dos seus filhos e filhas, tomam as suas decisões pessoais ou coletivas, sem prejudicar as demais. O consenso é possível.

Formação Dialógica do Professorado em Comunidades de Aprendizagem deve ser avaliada em termos de impacto sobre a melhoria dos resultados, os contributos, a atualização do conhecimento e como contribuiu para melhorar práticas que, por sua vez, aumentam todos os tipos de resultados (convivência, valores, sentimentos, aprendizagem instrumental). A avaliação baseada estritamente no nível de satisfação dos professores que frequentam as sessões evita o propósito final dessa formação e, às vezes, valoriza mais quem sabe fazer mais piadas ou sabe fazer mais dinâmicas de grupo. As escolas, as direções e os responsáveis pela formação podem introduzir perguntas, nos questionários de avaliação, que façam a avaliação da formação coincidir, cada vez mais, com a melhoria dos resultados.

Para saber mais sobre a formação pedagógica dialógica

Suplemento 'Periódico Escuela' Comunidades de aprendizagem. Formação Pedagógica Dialógica. <https://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/303/a6d9584f84e218f463eb2b0cc84234bf.pdf>. [Recuperado 26-07-2020]

Caderno de Formação Pedagógica Dialógica. Instituto Natura <https://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/10/6572906c71693d49b4e963bca256ad22.pdf>. [Recuperado 26-07-2020]

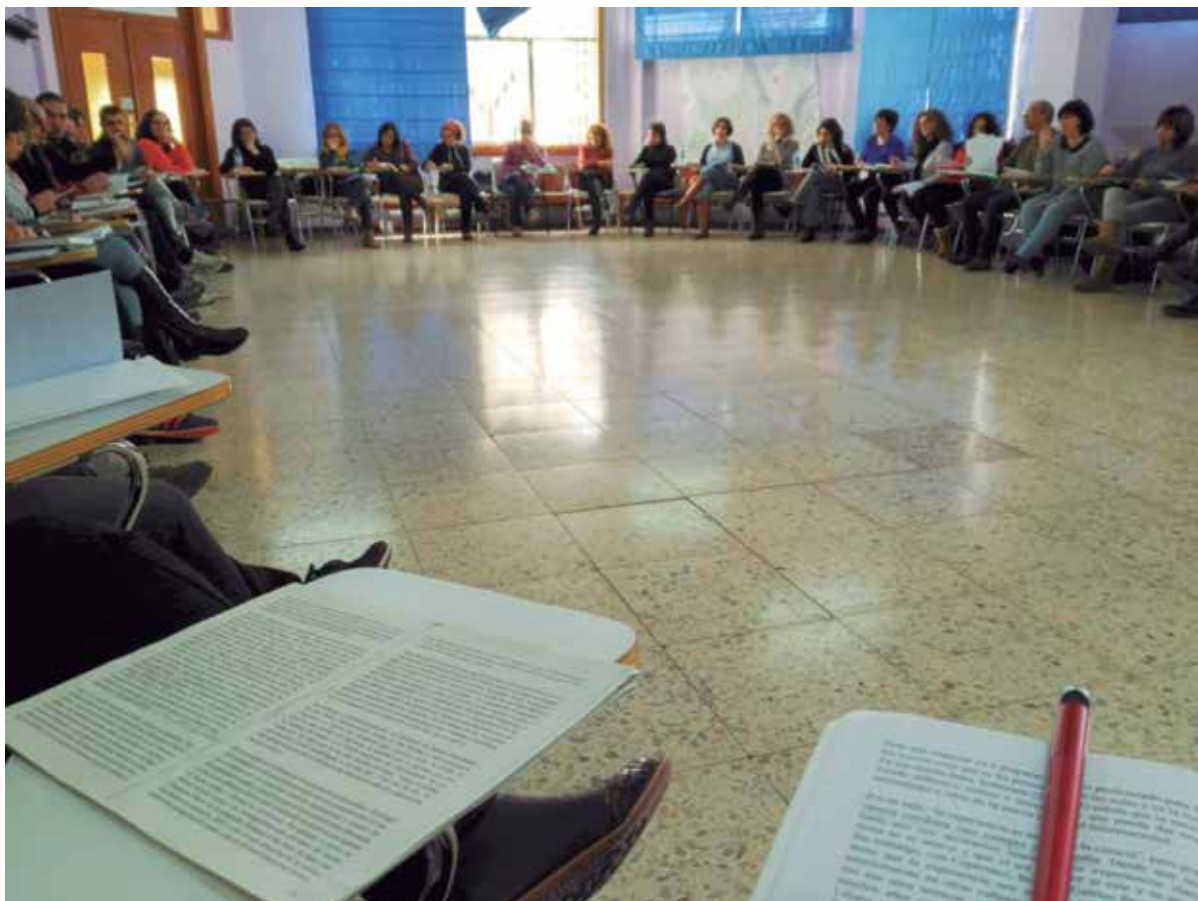
Tertúlias Pedagógicas Dialógicas

Seguindo o mesmo formato das tertúlias literárias de arte, da matemática, etc.², as Tertúlias Pedagógicas aproximam os professores e as famílias, de forma mais direta e profunda, das bases teóricas e científicas, das Ações Educativas de Sucesso. Equipas formadas por uma diversidade de pessoas, envolvidas na educação das crianças, particularmente docentes, equipas de direção, de orientação e assim por diante, leem juntos os livros mais relevantes, a nível internacional recorrendo, sempre, às fontes originais.

Estas práticas acima mencionadas, também conhecidas como “seminários com o livro na mão”, servem para evitar uma prática atual na educação, que é discutir e escrever sobre temas que nem sequer foram lidos, dando origem a falsas interpretações acerca das contribuições teóricas e ideias controversas sobre as práticas educativas. Neste caso, a construção coletiva do conhecimento baseia-se no diálogo igualitário sobre a leitura, em que o número da página e o parágrafo são sempre referidos nos comentários, crítica ou análise.

Através da leitura dialógica, são descobertas as ações educativas que atualmente geram maior sucesso e equidade. Este exercício de leitura partilhada permite aos docentes a oportunidade de discutir sobre as práticas educativas recorrendo sempre a evidências e às fontes originais.

2. Ver base científica e metodologia das Tertúlias Dialógicas no Módulo 7.



Quando a formação parte de uma visão dialógica, o conhecimento aparece como resultado de um diálogo igualitário e das interações entre os membros do grupo que participam da formação. As reflexões combinadas permitem a incorporação de diferentes pontos de vista, conhecimentos e modelos apresentados com raciocínio. Assim, todos os participantes no processo de formação geram uma maior compreensão intersubjetiva do tópico em discussão. Este processo de compreensão permite combinar a teoria com a prática, criando estratégias e competências úteis para a prática do ensino. *A dialética entre prática e teoria deve ser plenamente vivenciada nos contextos teóricos da formação, para procurar a razão de ser das coisas. A formação contínua como reflexão crítica da prática baseia-se nesta dialética entre a prática e a teoria* (Freire, 1994).

A leitura dialógica permite, através da interação com o texto, a conexão da teoria com a prática no dia-a-dia da escola. Ao mesmo tempo, soluções coletivas podem ser encontradas com base na aprendizagem dos textos e da experiência pessoal. O processo de reflexão de um diálogo profundo permite que os docentes desenvolvam progressivamente o conhecimento e dando maior sentido ao seu trabalho.

Exemplo de uma Tertúlia Pedagógica Dialógica no CEP em Sevilha

Lemos Freire, Flecha, Vygotsky, Bruner, Touraine, Apple e outros autores que sozinhos, provavelmente, não teríamos lido. Compartilhamos visões diferentes das mesmas leituras; mas, o mais importante foi descobrir o potente caráter formativo da tertúlia, conquistado pela reflexão teórica e compartilhamento de práticas. As tertúlias dialógicas são um instrumento para a transformação social e pessoal. (López & Nogales, 2012:6)

López, G. & Nogales, F. (2012). Formação para a transformação. A origem das Comunidades em Sevilha. *Suplemento Escuela*. 1, 6-7. <https://www.comunidadedeaprendizagem.com/uploads/materials/303/a6d9584f84e218f463eb2b0cc84234bf.pdf> [Recuperado 26-07-2020]

Outros recursos

Website da Sub-Rede Valenciana de Seminários. Ações Educativas de Sucesso para uma Escola Inclusiva “Sobre os ombros dos gigantes” <http://mestreacasa.gva.es/web/cda/seminarios>. [Recuperado 26-07-2020]

Além de procurar, encontrar e comentar notícias e materiais sobre Comunidades de Aprendizagem, é altamente recomendável que as escolas que aplicam o projeto contribuam para o desenvolvimento de mais conhecimentos, alargando o debate e levando a outras escolas e outros profissionais as experiências que já foram realizadas no centro. Isto pode ser feito de muitas formas, como a publicação de materiais e recursos utilizados nas Ações Educativas de Sucesso no sítio Web do centro ou a partilha de experiências através de palestras e encontros.

Por último, é essencial trabalhar para a implementação coerente dos valores em que se pretende educar os alunos e alunas. Valores como respeito, solidariedade, liberdade, igualdade, amizade ou escuta não são aprendidos numa aula sobre valores, mas em todas as alturas do dia e em todas as áreas do centro. E melhor ainda se estes valores forem também trazidos para a vida comunitária e postos em prática a todo o momento. Esta é a melhor educação em valores que podemos oferecer aos alunos e alunas e também uma formação profissional contínua ótima para melhorar a forma de ser e exercer o importante rol educador.

Para aprofundar

Flecha, R., (Ed.) (2015). *Successful Educational Actions for Inclusion and Social Cohesion in Europe*. Berlin: Springer.

9.3 Bibliografía

AMADOR, J. & GIRBÉS, S. (2016). Formación y participación decisiva de las familias en los centros educativos. Superando las barreras que dificultan la implicación de la comunidad en la escuela. *Padres y Maestros*, (367), 27-31.

<https://doi.org/10.14422/pym.i367.y2016.005>

ROCA-CAMPOS, E. (2016). Formación dialógica del profesorado: reencanto con la profesión docente. *Padres y Maestros*, (367), 11-16.

<https://doi.org/10.14422/pym.i367.y2016.002>

DE BOTTON, L., GIRBÉS, S., RUIZ, L., & TELLADO, I. (2014). Moroccan mothers' involvement in dialogic literary gatherings in a Catalan urban primary school: Increasing educative interactions and improving learning. *Improving schools*, 17(3), 241-249.

<https://doi.org/10.1177%2F1365480214556420>

FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, S.; GARVÍN FERNÁNDEZ, R. & GONZÁLEZ MANZANERO, V. (2012). Tertulias pedagógicas dialógicas: Con el libro en la mano. *REIFOP*, 15(4), 113-118

FLECHA, R., & SOLER, M. (2014). Communicative Methodology: Successful actions and dialogic democracy. *Current Sociology*, 62(2), 232-242.

<https://doi.org/10.1177%2F0011392113515141>

FREIRE, P. (1998). *Teachers as cultural workers: letters to those who dare teach*. Westview Press.

GARCIA, L., & RÍOS, O. (2014). Participation and family education in school: Successful educational actions. *Studies in the Education of Adults*, 46(2), 177-191.

<https://doi.org/10.1080/02660830.2014.11661665>

INCLUD-ED CONSORTIUM (2009). *Actions for success in schools in Europe*. European Commission.

PAULA, L. & MELLO, R. (2018). A práxis histórica de Paulo Freire como fundamentação para as pesquisas sobre formação de educadores. *Reflexão e Ação*, 26(1), 6-23.

<http://dx.doi.org/10.17058/rea.v26i1.8773>

RACIONERO, S., ORTEGA, S., GARCÍA, R., & FLECHA, R. (2012). *Aprendiendo contigo*. Hipatia Editorial.